

**O FIM DO HUMANISMO E A DIMENSÃO SOCIAL DA *LICHTUNG* SEGUNDO
SLOTERDIJK**

**THE END OF HUMANISM AND THE SOCIAL DIMENSION OF LICHTUNG
ACCORDING TO SLOTERDIJK**

Evandro Bilibio¹

RESUMO

O humanismo enquanto projeto que tem por objetivo final formar humanos, fracassou. Essa é a perspectiva adotada por Sloterdijk e, aqui, explanada. Herdada de Heidegger e ampliada através da inversão dos elementos ontológicos e ônticos, tão caros ao filósofo da floresta negra. O projeto humanista, e todos os seus desdobramentos históricos, é entendido por Sloterdijk, em sua essência, como formador de humanos. O seu objetivo primevo é possibilitar a convivência pacífica e harmoniosa entre os existentes humanos na *Lichtung*. Mas, esse projeto, em todas as suas vertentes possíveis, fracassou e, os motivos, estão enraizados em suas origens: não foram pensados os aspectos, natural e social, que constituem a própria espécie humana. Heidegger, ao pensar a *Lichtung*, teria incorrido e reforçado o mesmo erro, segundo Sloterdijk. O desenvolvimento do que chama de antropotécnica poderia sanar aquela falta, bem como a lacuna da abordagem heideggeriana sobre o humanismo. A antropotécnica, forçaria o humanismo clássico/tradicional a revisar seus fundamentos e, com isso, repensar seus fundamentos. Esta revisão, colocaria a mostra suas fragilidades (por deixar às claras os motivos do seu fracasso ao longo do tempo) e possibilitaria a sua superação, ou seja, que os fundamentos do humanismo fossem, agora, pensados de forma mais adequada. Aqui, resumidamente, apresentaremos a interpretação de Sloterdijk e sua proposta. A metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica.

Palavras-chave: Humanismo; Projeto; Fracasso; Antropotécnica; Revisão.

¹Doutor em Filosofia; docente na Universidade Federal da Fronteira Sul. Campus Laranjeiras do Sul, PR. Curso de Educação do Campo: ciências humanas e sociais. Laranjeiras do Sul, Paraná, Brasil. E-mail: evandro.bilibio@uffs.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3973-8614>

ABSTRACT

Humanism, as a project that has as its final objective to form humans, has failed. This is the perspective adopted by Sloterdijk and explained here. Inherited from Heidegger and amplified through the inversion of the ontological and ontic elements, so dear to the philosopher of the black forest. The humanist project, and all its historical unfoldings, is understood by Sloterdijk, in its essence, as forming humans. Its primary goal is to enable peaceful and harmonious coexistence among existing humans in the *Lichtung*. But this project, in all its possible aspects, has failed, and the reasons are rooted in its origins: the natural and social aspects that constitute the human species itself were not thought of. Heidegger, in thinking about *Lichtung*, would have incurred and reinforced the same error, according to Sloterdijk. The development of what he calls anthropotechnics could remedy this error, as well as the gap in the Heideggerian approach to humanism. Anthropotechnics would force classical/traditional humanism to revise its foundations and, with it, rethink its foundations. This revision would expose its weaknesses (by making clear the reasons for its failure over time) and would make it possible to overcome them, that is, that the foundations of humanism be now thought of in a more adequate way. Here, briefly, we will present Sloterdijk's interpretation and his proposal. The methodology used was a bibliographic review.

Keywords: Humanism; Project; Failure; Anthropotechnics; Review.

INTRODUÇÃO

Sloterdijk em sua conferência no castelo de Elmau² trouxe novos elementos e motivos para pensar-se a técnica³ (bem como sua função) de modo diferenciado em sua relação com o humanismo⁴. Básico, para compreender a sua abordagem (que tem, como pano de fundo a interpretação heideggeriana com respeito ao fim do humanismo tradicional na obra *Carta sobre o humanismo*)⁵ é sua inversão parcial da relação entre

²Esta conferência aconteceu na Alemanha, em 1999.

³Este termo usa-se como sinônimo de ciência/conhecimento científico em geral, bem como de tecnologia. Sabe-se que todos, dependendo da abordagem, possuem significados diferentes. Todavia, aqui, esta distinção não se faz necessária.

⁴Esclarece-se que as expressões *humanismo tradicional* e *humanismo clássico* equivalem-se a definição adotada para *humanismo*. Neste texto, tais expressões são usadas de modo alternado, todavia, com significado equivalente.

⁵Sobre o qual, Sloterdijk, constrói o seu discurso na conferência citada, mais tarde, publicada sob o mesmo nome. Tradução Brasileira, ver bibliografia.

ôntico e ontológico⁶. Isto o possibilita recolocar o problema da insustentabilidade do humanismo clássico⁷ e sustentar a tese de que é necessário assumir este fato; todavia, não abandoná-lo, mas reapropriar-se de seus objetivos sob nova perspectiva.

Sloterdijk procura mostrar que, desde Platão, humanismo e técnica andaram de “mãos dadas”. O humanismo tal qual foi concebido, em sua essência, seria *formador de humanos*⁸ em suas palavras e chama atenção para o caráter livresco que esse movimento – desde as suas origens⁹ – assumiu.

Esse movimento cresceu exponencialmente e foi reforçado com a crescente alfabetização e o desenvolvimento de técnicas que facilitaram a dissiminação popular de livros associada a métodos pedagógicos diversificados que reforçaram a importância da leitura. Nesse, o livro, ocupa o lugar de força mediática de formação e, devido a isso, nada mais natural ter-se tornado o próprio símbolo do humanismo. Claro está que, ao longo dessa história houveram diversas vertentes e pensadores importantes que, através do incentivo a leitura e das belas-artes, imaginaram ser possível educar o ser humano e eliminar as mais diferentes mazelas que o afligem. Lembra-se, a título de exemplo, a obra de Schiller “A Educação Estética do Homem”:

Toda melhoria política deve partir do enobrecimento do caráter – mas como o caráter pode enobrecer-se sob a influência de uma constituição bárbara? Para este fim seria preciso encontrar um instrumento que o Estado não fornece [...] Este instrumento são as belas-artes [...]. (SCHILLER, 2011, p. 47)

Está claro, nas palavras de Schiller, que é necessário fazer-se algo que torne o humano sociável; melhore seu caráter. Afinal, sua constituição, sua natureza, bárbara, o domina e, portanto, impede que a sociabilidade se dê nos mais altos níveis. Mas,

⁶Que, com certeza, ajuda a tornar mais clara a ideia heideggeriana da *Lichtung*, bem como incomoda os heideggerianos mais puritanos.

⁷Reforçando essa ideia de Heidegger que perpassa a sua obra citada no texto.

⁸Esta é a definição de Humanismo no texto de Sloterdijk, oriundo da obra de *Heidegger Carta Sobre o Humanismo*, e que figura, aqui, neste texto, como pano de fundo. Com isso, pensa-se ser possível abranger todas as definições e desdobramentos (correntes) possíveis que usaram este termo para definir suas ideias.

⁹As origens do movimento humanista ligam-se diretamente as origens gregas de nossa cultura, com o surgimento e desenvolvimento da filosofia grega.

aqui, Schiller é somente um exemplo. E a história das tentativas de encontrar-se um instrumento que possibilite a melhoria do humano é vasta, bem como não é pacífica ou isenta de altos e baixos¹⁰.

Sloterdijk está convicto de que todos os desdobramentos do humanismo fracassaram. E isso não é uma característica somente da contemporaneidade, mas está presente desde suas origens. Como exemplo o filósofo lembra a seus ouvintes o fracasso do que chama “nacional-humanismo livresco” ocorrido em meados do século XX; segundo ele uma ilusão desmantelada com a primeira grande guerra. Falta de sucesso que se estendeu a todos os novos movimentos pós segunda grande guerra que tentaram ressuscitar as intenções livrescas do humanismo tradicional como um instrumento de formação de humanos e, assim evitar conflitos futuros.

Por outro lado, está claro que independentemente do momento histórico em que estas tentativas são levadas a cabo, bem como suas intenções, o pressuposto de todos sempre é o mesmo, qual seja, “[...] o desembrutecimento do ser humano, e sua tese é: as boas leituras conduzem à domesticação” (SLOTERDIJK, 2000, p. 17). Isso significa de modo resumido que a tarefa do humanismo é tirar o ser humano da barbárie, lapidá-lo, aperfeiçoá-lo e assim torná-lo melhor. É essa a grande tarefa, missão dos *humanismos*: tirar o ser humano da bestialidade; formar e/ou *fabricar* humanos.

Todavia, como afirma Sloterdijk, novos modos mediáticos surgiram com o aparecimento e desenvolvimento das sociedades modernas. O projeto humanista antes restrito a ação benevolente individual de alguns poucos mecenas assumiu novas proporções. A cultura de massa inaugurou novas formas de comunicação, de falar ao outro, de enviar mensagens expandindo o movimento humanista. Formas de comunicação que, antes restrita a poucos – uma elite alfabetizada – agora, não sofre

¹⁰Aqui, não nos referimos somente as experiências ou tentativas restritas aos regimes democráticos e livres, mesmo os regimes mais sanguinários beberam e alimentaram-se dos ideais humanistas e, em algum momento de suas próprias histórias, viram-se como expoentes desses ideais.

destas limitações ou restrições. Entretanto, essa expansão e aparecimento de novas formas mediáticas deveriam ter contribuído para, segundo o filósofo, por um lado o desenvolvimento do projeto humanista e, por outro, sua reestruturação, como poderia ser esperado. Mas nada disso teria acontecido.

Pelo contrário, algo *inesperado* aconteceu, intensificou-se a crise do humanismo tradicional. O problema, segundo Sloterdijk é que as novas formas mediáticas de formação que se desenvolvem com as sociedades modernas podem ser tanto inibidoras quanto desinibidoras. O problema reside no seu segundo aspecto, desinibidor, que surge na medida em que há um incentivo para o humano assumir-se a si mesmo enquanto ser existente no mundo. Mensagem ambígua que entra em choque com o aspecto inibidor do humanismo na medida em que fortalece os instintos naturais que entrarão em conflito com os interesses sociais, prejudicando a existência pacífica dos entes humanos na clareira. Esse é o grande problema e que reside abaixo da superfície das belas mensagens e promessas do projeto humanismo.

Mas, diante desse quadro em que a obra/livro, enquanto força mediática parecem ter fracassado diante do aparecimento das novas formas mediáticas¹¹ ambíguas de domesticação, e face ao grande desenvolvimento tecnológico do homem, a técnica não poderia assumir o lugar e ser o novo símbolo mediático? A resposta a essa pergunta é um redundante sim para Sloterdijk pois, segundo ele, a técnica sempre ocupou este lugar, e esteve à base do humanismo, bem como sempre teve este objetivo, ou seja, ser a responsável pela humanização dos animais não humanos, seu aperfeiçoamento. Essa humanização do humano, colocada sob nova perspectiva significará, entre outras coisas, que a técnica ao assumir esse caráter mediático, antes ocupado pelo livro, pelas 'boas histórias', será a base/fundamento para a construção

¹¹Pensa-se, aqui, nos mais diferentes discursos, das mais diferentes áreas que, ao mesmo tempo que procuram despertar princípios que tornem a vida em social mais pacífica, por outro, reforçam aspectos da subjetividade individual que entrarão em conflito com os primeiros.

de um novo *ethos*¹². Veremos no próximo ponto como Sloterdijk lê Heidegger e amplia sua perspectiva.

HEIDEGGER E A LEITURA DE SLOTERDIJK

A pergunta de Jean Beaufret¹³, feita em sua famosa carta endereçada a Heidegger e mais tarde transformada em obra apontaria e fundamentaria a perspectiva acima exposta que sustenta o fracasso do humanismo. A questão de Beaufret é entendida como sintomática e representa um momento histórico importante. Pois, nela está presente a constatação de que o projeto humanista – face os acontecimentos históricos - é insustentável em seus fundamentos. Essas convicções, presentes em Heidegger, o levam a certeza, de que o humanismo tradicional chegou a seus limites e que, portanto, deve ser *abandonado*. Sobre isso diz Heidegger:

Ela perdeu o sentido, pela convicção de que a essência do humanismo é de carácter metafísico e isto significa, agora, que a metafísica não só não coloca a questão da verdade do ser, mas a obstrui, na medida em que a Metafísica persiste no esquecimento do ser. (HEIDEGGER, 1987, p. 73)

O elemento fundante do humanismo é uma perspectiva metafísica do ser humano, do homem. Como esta perspectiva metafísica é falha por não ter pensado ou colocado a questão de modo correto, ou seja, de tal modo que a definição metafísica do ente humano corresponda verdadeiramente a aquilo que ele é, o humanismo, que dessa perspectiva deriva, está mal fundado e persiste nesse erro¹⁴.

Persistência que debruça-se sobre uma incompreensão a respeito da essência humana, portanto, a chave interpretativa que fundamenta o humanismo, enquanto um

¹²Não se discute como seria esse carácter mediático – como a técnica substituiria a forma mediática existente baseada no livro. Em grande medida e de certa forma já se está experimentando isso.

¹³"*Comment redonner un sens au mot "Humanisme"?* - "Como retomar um sentido para a palavra Humanismo"? tradução livre

¹⁴*Ser e Tempo* é onde Heidegger procura mostrar em que consiste esse erro e qual seria o elemento, essência não pensada pela metafísica tradicional. Por isso, Heidegger recusa-se a usar termos da antropologia tradicional, como homem ou ser humano; as substitui por *Da-sein* e encontra na expressão *Das Sorge* o elemento definidor/essencial do humano.

projeto de formação de humanos, está fadado ao fracasso; e sempre esteve, desde as suas origens. Mas, igualmente importante é entender que abandonar, no texto heideggeriano não significará voltar ou defender alguma espécie de *barbárie* - “Destas observações deve ter resultado um passo mais claro que a oposição ao “humanismo” não implica, de maneira alguma, a defesa do inumano, mas abre outras perspectivas.” (HEIDEGGER, 1987, p. 77) – Abandonar significará refundar o humanismo dando um passo atrás¹⁵ – tornando radical o próprio pensar que pensa a *humanitas* – isso implicará pensar novamente a essência do homem – contudo, não mais a partir de suas bases grego-romanos institucionalizadas no e pelo cristianismo. Mas, sim, a partir dos momentos existenciais constitutivos do *Dasein* enquanto ser-no-mundo lançado.

Esse movimento possibilitaria uma experiência mais originária do próprio existir humano na medida que seria concebido a partir de sua ex-sistência. Diz Heidegger: “A essência do Homem reside na ex-sistência. É esta ex-sistência que essencialmente importa [...]” (HEIDEGGER, 1987, p. 73), mais adiante reforça: “O homem é e é homem, enquanto é o ex-sistente.” (HEIDEGGER, 1987, p. 79) – e onde ele ex-siste? Jogado/projetado no mundo, na *Lichtung*. É da essência desse estar jogado, como também é característico deste ex-sistir não ter um objeto em direção ao qual ela se mova, nem algo anterior que o tenha determinado – esta é a situação historial em que se encontra o homem¹⁶. Mundo, portanto, é clareira (*Lichtung*), uma abertura diante da qual o homem (*Da-sein*), dirá Heidegger, está postado, projetado. “Mundo é a clareira do ser na qual o homem penetrou a partir da condição de ser-projectado de sua essência” (HEIDEGGER, 1987, p. 79).

Diante deste fato resta ao humano ser o *pastor do ser*, ou seja, estar entregue a essa condição ontológica e ôntica; e será a linguagem o meio através do qual essa

¹⁵Heidegger é otimista quanto a esse fracasso, pois a sua constatação, longe de ser somente um evento negativo, terá um lado positivo, na medida em que abre novas perspectivas.

¹⁶Por isso a necessidade de um projeto formador de humanos e a ideia de clareira, usada por Heidegger, visa exemplificar isso.

condição irá mostrar-se em sua essência e fundamento. “A linguagem é a casa do ser” (HEIDEGGER, 1987, p. 3) e logo, ainda na mesma página, reforça: “Nesta habitação do ser mora o homem”. (HEIDEGGER, 1987, p. 3). O *cuidado* (*Das Sorge*) revela e é a expressão de *pastoreio*, da *situação historial* que o humano se encontra enquanto *existente*. Por outro lado, entregar-se a essa condição implica não somente que se está sozinho nessa contenda, mas que é de responsabilidade do próprio humano cuidar dela, apreender a lidar com essa condição, com essa situação historial em que se encontra.

Diante dessa perspectiva heideggeriana, Sloterdijk procurará mostrar o que foi deixado pelo filósofo alemão de lado ou ignorado¹⁷: a existência de uma história dos seres humanos *na clareira*, ou seja, a *história social*. Assim, desenvolverá a sua interpretação tendo como base e pano de fundo a interpretação heideggeriana e acrescenta: a clareira de que fala Heidegger é a *história social das domesticações*, ou seja, do projeto humanista.

Para Sloterdijk a clareira (*Lichtung*) identificada por Heidegger é constituída por dois elementos que não deveriam ter sido desprezados e que dizem respeito a própria história da espécie humana: uma história natural e uma social. Elas compõem a história da espécie e, portanto, possibilitam a compreensão de como o *Dasein* heideggeriano habita a clareira. O estudo de como se dá a convergência desses dois elementos e suas implicações é que podem explicar a história da clareira e o porquê o humanismo fracassa. Conclui Sloterdijk: “Pois o fato de que o homem pôde tornar-se o ser que está no mundo tem raízes na história da espécie [...]” (SLOTERDIJK, 2000, p. 34).

¹⁷Essa dimensão talvez não tenha passado despercebida por Heidegger, apesar de poder acusar-lhe de não a ter desenvolvido. Lembra-se suas palavras em *Carta sobre o humanismo*: “Lá onde a essência do homem é pensada tão essencialmente, a ser unicamente a partir da questão da verdade do ser, mas onde, contudo, o homem não foi elevado para o centro do ente, deve realmente despertar a aspiração por uma orientação segura e por regras que dizem como o homem, experimentado, a partir da existência para o ser, deve viver convenientemente ou de acordo como destino. (HEIDEGGER, 1987, p. 83).

Esta claro que o aspecto ôntico não pode ser deixado de lado, bem como suas implicações. Do mesmo modo, devido a essa falta, somente recorrendo a linguagem é insuficiente para explicar o aspecto historial que constitui o existente humano como sustentado por Heidegger. “[...] a história da clareira não pode ser desenvolvida apenas como narrativa da chegada dos seres humanos às casas das linguagens” (SLOTERDIJK, 2000, 35), na qual o mundo apresenta-se como tal e ele, o humano, percebe-se como ser existente nesse mesmo mundo.

A conjunção desses dois elementos que dizem respeito a história da espécie não será pacífica e/ou espontânea. “A clareira é ao mesmo tempo campo de batalha e um lugar de decisão e seleção” (SLOTERDIJK, 2000, p. 37). Isso significa que o estar na clareira coloca a espécie humana diante do fato de ter que assumir a responsabilidade sobre sua própria existência. Segundo Sloterdijk, é dentro dos limites dados por esse espaço vital (a *clareira*) que tudo se dá, ou seja, “[...] deve-se decidir no que se tornarão os homens que as habitam; decide-se, de fato e por atos, que tipo de construtores de casas chegarão ao comando.”¹⁸ (*Idem*)

Está claro que a *clareira* tem um duplo aspecto: ‘domesticação’ e ‘criação’ de humanos, pois nela, nada está decidido, pronto, acabado. Ambos os aspectos são polêmicos e faces de uma mesma moeda. O último aspecto, talvez, seja o que mais perturba e coloca em xeque o próprio humanismo enquanto força domesticadora. Pois, agora, deve-se decidir, dadas as condições atuais de desenvolvimento, até onde se quer ir com o seu projeto. Sloterdijk está ciente dessa característica perturbadora da *clareira* e de seu impacto sobre o humanismo tradicional: “A tese do ser humano como criador de seres humanos faz explodir o horizonte humanista [...]” (SLOTERDIJK, 2000, p. 39).

Tais elementos que subjazem ao projeto humanista, mesmo ignorados, o fundamentam. É através deles que o viver e conviver na clareira torna-se possível. Portanto, eles são necessários. Isso explicaria a adesão espontânea e submissão passiva

¹⁸ Sloterdijk citará, ainda, *Zarathustra* de Nietzsche como obra na qual, seu autor, já havia tido a mesma intuição.

(em certa medida) a tal projeto. “Eles próprios se submeteram à domesticação e puseram em prática sobre si mesmos uma seleção direcionada para produzir uma sociabilidade à maneira dos animais domésticos” (SLOTERDIJK, 2000, p. 40) – Isso afasta a perigosa e ingênua ideia de que o humano é uma vítima de seu próprio projeto humanista e suas consequências¹⁹.

Claro que esse espaço vital, essa clareira nas palavras heideggerianas, concebida na perspectiva de Sloterdijk nada tem de tranquila, há um aspecto paradoxal que a constitui e que deriva da inversão parcial entre ôntico e ontológico, mas sem querer abdicar do último. Pois, ao mesmo tempo em que há um elemento que se apresenta como necessário e que os humanos se submetem de forma – relativamente – passiva; há uma resistência²⁰ do próprio humano. Pois ele precisa resistir aos impulsos naturais que são alimentados constantemente pela cultura de massas²¹.

Isso implica que em seu interior há uma luta constante para domesticação e criação de humanos, ou seres menores na expressão nietzschiana usada por Sloterdijk. Uma espécie de seleção autoimposta e deliberadamente assumida. Sloterdijk está ciente de que essa consideração nietzschiana tomada emprestada ou, *insinuações* em suas palavras, pode ter sido o resultado de uma *histeria filosófica* que, na atualidade, não teria mais sentido. Todavia, há um núcleo, um problema a ser considerado no discurso de Nietzsche que não pode ser ignorado segundo Sloterdijk: ele, de algum modo, já havia dado-se conta de que há ideias à base do humanismo que nunca foram pensadas seriamente. Essas ideias seriam: domesticação e criação de humanos. E, são exatamente estas ideias que devem transformarem-se em questões de fato, isto é, não mais ignoradas na contemporaneidade.

Mas o discurso sobre a diferença e a relação entre domesticação e criação, e qualquer referência à aurora de uma consciência quanto à produção de seres

¹⁹Mas, claro, isso não elimina os problemas e polêmicas em aceitar ou negar esta tese.

²⁰Espontânea poderia ser dito.

²¹Aqui, podemos invocar Freud e sua obra *O mal-estar na cultura* como forma de avaliar, do ponto de vista psicológico, esse paradoxo. Na qual procura expor e analisar o conflito entre os impulsos e a cultura.

humanos e, de maneira mais ampla, de antropotécnicas – isto são processos dos quais o pensamento atual não pode desviar os olhos [...] (SLOTERDIJK, 2000, p. 42)

Importante salientar que domesticação e criação não são somente o fundamento, mas confundem-se entre si na medida em que são, também, a meta final do humanismo. Todo o processo²² acima pode muito bem ser entendido em termos heideggerianos como o resultado do *esquecimento do ser*, no qual a diferença ontológica não somente permanece oculta, mas não tematizada. O humanismo que deriva desta não tematização acaba por fundamentar-se e ser construído em bases pouco sólidas fazendo com que, com o passar do tempo, fique patente o seu fracasso.

Pode-se citar, como exemplo, Lyotard e sua ideia de que o presente, aparentemente pleno, revela, ao final uma falta. Suas palavras parecem corroborar tanto a interpretação heideggeriana, relativa a ideia de esquecimento do ser, quanto a de Sloterdijk com respeito a um horizonte oculto: “Mas essas duas dimensões, a do passado e a do futuro, só podem se estender de um lado a outro do presente porque o presente não é pleno, porque ele encobre em sua perpétua atualidade uma ausência, porque ele não é pleno consigo” (LYOTARD, 2013, p. 63, grifo nosso). Essa ausência, essa falta, é o horizonte não tematizado que, mesmo ignorado, permanece como um ruído de fundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todo esse quadro ser negativo, o fracasso do humanismo é visto como uma possibilidade de trazer à tona o impensado e o que está oculto ao seu projeto. Para tanto, é necessário repensar a clareira, pensá-la sob nova perspectiva, levando em conta, agora, os elementos apontados por Sloterdijk como tendo sido deixados de lado por Heidegger. Assim, a tarefa do pensar seria, portanto, pensar os processos de domesticação e criação de humanos na clareira e dar o passo além, em direção, talvez

²²O processo diz respeito ao fracasso do humanismo que, a contemporaneidade, parece corroborar. Por outro lado, se está ciente que esse não foi descrito de forma pormenorizada.

ao *Übermensch* nietzschiano que o humanismo tradicional parece temer. “Reconhecer a domesticação do ser humano é o grande impensado, do qual, o humanismo, desde a antiguidade até o presente desviou os olhos [...]” (SLOTERDIJK, 2000, 43).

Reconhecer que o humanismo tradicional e suas vertentes chegaram ao limite não é, de certo modo, uma grande novidade. Muitos autores já o fizeram e/ou deixaram margem para tal constatação²³, como também que é necessário uma ação contundente e urgente; isso é quase um lugar comum. A novidade que é, ao final, a grande questão/problema é, a partir da certeza de que é necessário repensar o humanismo em suas bases, desenvolver um conjunto de conhecimentos que nos torne aptos a lidar com os processos de seleção que com desconforto e passivamente deixemos que se deem. “[...] será provavelmente importante, no futuro, assumir de forma ativa o jogo e formular um código das antropotécnicas” (SLOTERDIJK, 2000, p. 45).

Do mesmo modo, seria ingênuo imaginar que tal revisão poderia ser feita sem o envolvimento da esfera política e pública, haja visto que aquilo que está em jogo é algo que afetará a sociedade em seus fundamentos. E, convicto disso acrescenta “Basta que tenhamos a noção de que as próximas grandes etapas do gênero humano serão períodos de decisão política quanto à espécie” (SLOTERDIJK, 2000, p. 46). Portanto, esta mudança não pode estar restrita a discussão isolada ou monocrática de certos meios acadêmicos especializados.

Contudo, para todos que julgam que isto é algo para o futuro, algo a ser pensado cuidadosamente, não se dão conta de que parte deste processo de revisão já está acontecendo nos alerta o filósofo. Parte desse processo de revisão, também, se dá de forma velada, ou seja, sem que seja encarado em toda a sua profundidade pela sociedade. Este expressa-se de dois modos: na luta, cada vez mais perceptível, entre

²³Este reconhecimento é mais comum em autores que tratam de temas éticos – poderíamos citar, a título de exemplo, além dos neste texto mencionados, Hans Jonas e sua obra *Ética Responsabilidade: ensaio para uma ética da civilização tecnológica* de 1979.

impulsos domesticadores e bestializadores e nas mais diversas mudanças legais nas abordagens de problemas ligados a manipulação genética e educação. Todavia, os resultados de tais abordagens ainda não impactam de forma substancial em nossas existências; o que contribui para que permaneçam, de certo modo, ignorados. Mas não demorará muito para serem uma realidade que impactará diretamente e de modo geral em nossas existências²⁴. Convicto disso, Sloterdijk entende que nesse campo de batalha, o sucesso ou não da civilização dependerá do quão competentes sejam os homens em *encaminhar procedimentos efetivos de autodomesticação*²⁵. Isso significa que devemos deixar de ser espectadores passivos deste processo e, de algum modo, assumir conscientemente a tarefa que se impõe.

A certos leitores, por outro lado, talvez, pareça que Sloterdijk esteja defendendo algum tipo de seleção eugênica e que, desse modo, admita como legítimo, em um futuro próximo, a seleção através do, por exemplo, genocídio e similares. Ledo engano, a questão principal é que não podemos nos omitir desse processo que, alias, já vem desde a antiguidade e que, oculto, subjaz ao humanismo clássico. Todavia, desempenhando um papel ativo e cada vez mais presente. O problema é que chegamos a um ponto em que não há mais como negar isso que, antes, mesmo subjacente ao humanismo, podia-se ignorar.

O modo pelo qual a sociedade consegue esconder a dinâmica desse processo já em curso parece seguir a mesma ideia apresentada por Žižek ao lembrar a lição hegeliana da Bela Alma²⁶ - procurando esconder o que não pode mais ficar oculto, que os processos de autodomesticação e criação de humanos que constituem o pano de fundo e objetivos do humanismo clássico estão fracassando, as tentativas de encarar o

²⁴Os casos que veem à tona na mídia – violência urbana e outras formas de transgressões - são tratados como se fossem isolados, bem como no ambiente acadêmico. Questões polêmicas de bioética, por exemplo, são tratados como se o que estivesse envolvido fossem apenas questões morais isoladas.

²⁵Importante afastar, aqui, a ideia de uma sociedade autocrática ao estilo de *Admirável mundo novo* de Huxley ou *1984* de Orwell.

²⁶Ver obra referenciada, p. 112 e seguintes.

problema de frente e pensá-lo sob novas perspectivas são reduzidos a motivos vis, privados e perversos de quem os realiza. Diante disso, é produzida uma montanha de cadáveres para esconder o que todos já veem e/ou sabem. Isso foi o que fez a metafísica ocidental, i.e., esconder o que todos veem e/ou sabem. Heidegger teria dado o nome a esse processo de esconder o óbvio de esquecimento do ser segundo Zizeck.

Isso explica o porquê convivemos tão bem com a “catástrofe” iminente, o porquê ela não nos é “alarmante”. Pois, todos aqueles que tentam colocar os elementos a mesa são acusados de infringirem algum princípio ou código moral, por exemplo. Diante disso são facilmente silenciados e o problema “desaparece”.

Sloterdijk citará, ainda Platão com o intuito de mostrar que sua interpretação sobre o humanismo está fundamentada na própria história da filosofia, em seus primórdios. Em sua obra *A política* seria o testemunho histórico de que tais questões não teriam passado em branco ao filósofo grego. Sloterdijk vai além, ainda, ao acrescentar que Platão, nessa obra, não somente se dá conta desse processo, mas ao fazê-lo coloca às claras a necessidade do que Sloterdijk chamará de *antropotécnica política*²⁷ – legitimada pelo reconhecimento da diferença entre conhecimento/poder e destinada a seleção ou, como diz Sloterdijk – “[...] neocriação sistemática de exemplares humanos mais próximos dos protótipos ideais.” (SLOTERDIJK, 2000, p. 50) – de forma resumida²⁸ concluirá que o que ecoou nas palavras do filósofo grego foi

[...] o programa de uma sociedade humanista que se encara em um único humanista pleno, o senhor da arte régia do pastoreio. A tarefa desse super-humanista [...] não é nada menos que o planejamento das características de uma elite que deve ser especificamente criada em benefício do todo. (SLOTERDIJK, 2000, p. 55).

²⁷A leitura de Hannah Arendt que está diretamente ligada ao problema da substituição da ação pela fabricação, feita em sua *A Condição Humana* - igualmente, é digna de nota, pois relaciona-se diretamente com esta questão.

²⁸Na obra de Sloterdijk há uma abordagem bem mais detalhada dos elementos platônicos que corroboram sua interpretação. Não é intenção deste artigo aprofundar-se ou avaliar essa interpretação. Para maiores esclarecimentos ver obra do filósofo referenciada.

Então, se aceitamos a argumentação de Sloterdijk que domesticação e criação de humanos são características fundamentais – não discutidas – do humanismo clássico, bem como seu *telos*; e que desde a antiguidade esse processo é implementado. Se é aceita a ideia de que a contemporaneidade²⁹ (suas questões, problemas, conflitos, etc.) exemplifica e corrobora essa interpretação: tem-se um grande problema/questão nas mãos. O primeiro, talvez, e mais importante seria: como dar início a esse processo?³⁰ Sair do campo teórico para o prático? No próprio Sloterdijk pode-se encontrar uma sugestão. Em 2009 sugere (constata seria melhor) que somente uma crise global destrutiva poderia possibilitar isso. Talvez esteja certo, afinal, mesmo para Heidegger somente o *da-sein* diante do *nada* tem a possibilidade de encontrar-se e porque não imaginar que uma possível catástrofe seja capaz de revelar isso?

E para finalizar, é oportuno lembrar o instigante artigo *Espectros da catástrofe* do professor Peter Pál Pelbart em que nos lembra (seguindo e discutindo, entre outras, a obra de Sloterdijk *Tens que mudar sua vida*) que esse momento que exige uma tomada de posição, talvez, já tenha chegado, que já o estamos vivendo. As crises pelas quais a contemporaneidade passa (acentuando-se ano a ano) nas esferas moral, econômica, social e política são consequências do esgotamento do humanismo tradicional em atender as demandas da vida contemporânea.

Todavia, mais que o fim, apontam para uma possibilidade. A pandemia atual, por exemplo, enquanto um evento global que massifica e polariza as abordagens talvez seja o que faltava, a catástrofe que põe a mostra as insuficiências do humanismo em lidar com problemas e questões surgidas devido ao desenvolvimento técnico. Todavia, mais que tudo, o que se revelou como verdade (entre outras tantas) neste contexto de

²⁹Para não dizer desde sempre, pois, poderíamos perguntar se, em algum período histórico, não houve choque entre o projeto do humanismo e as forças instintivas humanas.

³⁰Pode-se especular que no campo da literatura, dramaturgia, das artes em geral, essa discussão já parece ter começado: George Orwell, Aldous Huxley, Mary Shelley são alguns exemplos emblemáticos.

crise (fabricada ou não) é o que o próprio Sloterdijk em entrevista publicada em *El País* nos diz “A vida atual não convida a pensar.”

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, M. **Carta sobre o Humanismo**. Lisboa: Guimaraes Editores, 1987.

FREUD, S. **O mal-estar na Cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

JONAS, H. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

LYOTARD, Jean-françois. **Por que filosofar?** São Paulo: Parábola, 2013.

PELBART, Peter Pál. **Espectro da Catástrofe**. Disponível em: <https://wrongwrong.net/artigo/espectros-da-catastrofe>. Acesso em: 05 mar. 2021.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**: numa série de cartas. São Paulo: Iluminuras, 2011.

SLOTERDIJK, P. **Regras para gerir o parque humano**: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

SLOTERDIJK, P. **A vida atual não convida a pensar**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/03/internacional/1556893746_612400.html. Acesso em: 10 fev. 2021.

ZIZECK, S. **Em defesa das causas perdidas**. São Paulo: Boitempo, 2011.

Artigo recebido em: 08/04/2022

Artigo aprovado em: 16/07/2022

Artigo publicado em: 27/07/2022